

## FORMAÇÃO SOCIO-ESPACIAL E O LUGAR COMO MEDIAÇÃO: “AS PAISAGENS DO NORDESTE NA CIDADE DE SÃO PAULO”

Amalia Inés Geraiges de Lemos\* \*\*

### RESUMO

A partir dos conceitos de formação socio-espacial e de lugar procurou-se analisar espaços estruturados por elementos culturais próprios dos migrantes nordestinos na cidade de São Paulo.

A Praça da Sé, assim como outros pontos de encontro na cidade são lugares criados a partir das experiências de milhões de pessoas que ao chegarem à metrópole necessitam plasmar sua cultura, suas vivências, seus costumes, seu sentir. O mercado imobiliário se apropria dessa bagagem e produz Centro das Tradições

Nordestinas (CTN), onde semanalmente um multidão de pessoas se reúne para imaginar que estão nas “suas terras”.

Esta formação socio-espacial carregada de simbolismos sofre os ataques irracionais de um grupo neonazista, “os carecas”, querendo destruir o lugar semeando o terror e a violência. Uma nova forma de racismo que se alastra trazendo o medo e desrespeitando os direitos humanos dos cidadãos que nesse lugar procuram o lazer semanalmente.

### INQUIRINDO CONCEITOS

O Dicionário de Termos Marxista se refere à Formação Econômico-Social como “o complexo dos modos e das relações de produção, da correspondente forma jurídica e política, da ideologia e dos aspectos culturais que em geral distinguem uma sociedade no seu conjunto e no seu movimento”. Não é assim mesmo sinônimo de estrutura, de base econômica, mas pode indicar a esfera dos fenômenos que “marcam” uma época histórica.<sup>1</sup>

Milton Santos em 1977 trabalha o conceito usando-o como teoria e método para a sua definição de espaço e se refere ao mesmo dizendo: “Daí a categoria de Formação Econômica e Social parece-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta teoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso”<sup>2</sup> (San-

tos, 1977). A teoria supera a simples explicação econômica da sociedade levando a uma interpretação de totalidade desta através das relações políticas, culturais, ideológicas, etc., a qual permite uma interpretação mais objetiva da realidade. “A noção de Formação Econômica e Social é indissociável do concreto representado por uma sociedade historicamente representada.” (Santos, M., idem).

(\*) Departamento de Geografia FFLCH/USP.

(\*\*) Este texto foi elaborado com a participação dos levantamentos de campo de Francisco Pires, aluno de pós-graduação do PROLAM.

(1) MASCITELLI, Ernesto- (org.). Dizionario dei Términi Marxistici, 32 Vamgelista, Milano, 1977.

(2) SANTOS, Milton: Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e Método. Em: Bol. Paul. de Geogr., 54: 81-100, junho, 1977, A.G.B. – São Paulo. Em inglês: Socio-Economic Formation and Spatial Organization. Antipode, vol. 9, number 1, February, 1977. Edited by Milton Santos and Richard Peet.



O concreto realizado por uma sociedade determinada contém em sua essência aspectos imateriais os quais junto aos materiais possuem os elementos determinantes que dão significados diferenciados aos lugares: "... a formação econômica e social seria a possibilidade realizada", segundo o autor antes citado, e que seria ao mesmo tempo uma "estrutura técnico produtiva expressa geograficamente", portanto com grande distribuição localizacional, ou seja, com lugares que traduzem o menor ou maior grau do antigo perdurando frente ao novo, com uma maior ou menor concentração de técnicas, com uma maior ou menor concentração de "tempos" imbuídos de uma carga cultural e ideológica respectiva ao grupo social que representa a unidade na totalidade. "De fato, a unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico não pode ser realizada senão no espaço e pelo espaço" (Santos, M., p. 90), articulando-se segundo as exigências do lugar.

Se a importância que teve e tem o Estado na formação e organização dos lugares e do espaço já não se pode mais ignorar – e foi longamente estudado –, hoje também devemos considerar outros elementos na localização de certas atividades ligadas à cultura e à ideologia. Esta nossa afirmação se sustenta na colocação de Santos que diz: "A noção de formação social nos oferece a possibilidade de interpretar a acumulação e superposição das formas, a paisagem geográfica inclusive" (1978, p. 198).

Como passo seguinte para chegarmos a nosso objetivo que será a interpretação das mediações da formação socio-espacial e o lugar nas "paisagens dos nordestinos na cidade de São Paulo", procuramos a(s) conceituaç(ões) de lugar.

## A PROCURA DA MEDIAÇÃO LUGAR

Provavelmente a primeira experiência da consciência humana tenha sido a de lugar. Bettanini afirma que: "A "experiência do espaço" teria sido precedida por um conceito psicologicamente mais sim-

ples: o de lugar", e continua definindo lugar a partir de uma citação a A. Einstein. "Entendido como "uma (pequena) porção de superfície terrestre identificada por um nome. A coisa cujo "lugar" é especificado é um "objeto materia" ou corpo..." (Bettanini, p. 17)

O acontecer, continua o autor – significa ter um lugar comum, onde se produzem os fatos que dão significado à vida, que se impregnam de simbolismo, que "dizem" o acontecido.

Para Fu-tuan "o lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar." (1983, p. 198). Não concordamos muito com este conceito especialmente no que se refere ao conteúdo de estático que ele outorga ao lugar, já que se o tempo se materializa nas formas do lugar, e este consegue preservar formas antigas e anexar novas, o dinamismo do tempo que carrega os conflitos, as contradições, as mudanças, se concretizam no lugar, fazendo que as imagens e os símbolos que ele representa tomem novo sentido para a subjetividade dos indivíduos do grupo social que o percebe. "A história de um dia, engloba a do mundo e a da sociedade". (Lefebvre, 1991, p. 8).

Milton Santos definiu o lugar como uma área com acontecer solidário, que cria novos quotidianos, e estende este seu conceito também para a região. Mas também neste lugar os componentes dessa realidade possuem qualidades diversas, que "resultam do fato de que cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico – daí as diferenças entre lugares." (Santos, 1985, p.12).

## AS MEDIAÇÕES REALIZADAS: AS PAISAGENS NORDESTINAS NA CIDADE

Não falaremos aqui dos muitíssimos lugares criados pelos 5.000.000 de migrantes dos Estados do Nordeste que à metrópole paulistana chegaram



entre 1950 e 1980. Como habitantes, logicamente formaram os bairros “parques” e “jardins” da periferia, as favelas e os cortiços que tiveram que ocupar, dadas suas precárias condições econômicas.

Não falaremos tampouco do comércio formal e informal que se instalou nos bairros que são pontos de encruzilhada de ônibus que dali partem e ali chegam como Pinheiros, Santo Amaro, Penha, Lapa, entre outros, levando a população aos bairros da periferia.

Meu objetivo é estudar os lugares onde se concretizam as expressões culturais e ideológicas dessa formação econômico-social, que o modo de produção capitalista desarraigou e expulsou dos seus sítios de origem. Que atitudes, que comportamentos, que costumes dão a certos lugares da cidade, que ela mesma se converte em lugar, a partir de aspectos subjetivos e de “tempos diferentes”? Qual é o lugar da cidade de São Paulo onde o simbolismo tornou-se espacial no dizer de Lefebvre, onde a partir do simbólico se atualiza o passado?

Escolhemos a Praça da Sé e o Centro das Tradições Nordestinas, este último localizado na margem do rio Tietê, no bairro do Limão, zona norte da cidade.

A Praça da Sé, que tinha um significado desde o século XVII até meados dos anos 60 deste século, começa a tomar uma nova “paisagem”. Um novo cotidiano a invade visto como “...um campo e uma renovação simultânea, uma etapa, um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidade, etc), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis)”. (Lefebvre, 1991, p. 20). É na praça – ponto de partida da cidade – e em especial na Catedral, onde se encontram a dor, o desespero, o cansaço, a decepção, a miséria... os laços entre a vida e a morte”, mas também a alegria, a música que rememora a terra, o lugar deixado atrás, as plantas, as comidas e os costumes próprios... Também é ali onde as religiões fazem ou querem fazer sentir suas prega-

ções. Ao mesmo tempo que no templo se celebra a missa onde o sacerdote se dirige a uma “platéia” que dorme, descansa, troca de roupa e apresenta toda a problemática da miséria do que acaba de chegar, ou que a cidade não lhe deu a oportunidade que esperava, no exterior – no centro da praça – a igreja eletrônica das chamadas pentecostais instala seus aparelhos de som e com instrumentos musicais – violão, sanfona – chama o público para sua mensagem de resignação, de aceitação, de procura de Deus, etc.

No meio de barracas que vendem mercadorias das mais variadas, um outro ambulante faz chamada aos gritos sobre os parasitas intestinais, exibindo vários vidros com suas poções mágicas, oferecendo as águas milagrosas para os curiosos que pararam a seu redor a escutar. Do outro lado do quadrilátero que limita a praça se encontra um saltimbanco, mostrando suas habilidades acrobáticas. Já antes estiveram os sanfoneiros, outros pregadores, o vendedor de “ervas medicinais”, enfim, uma série de personagens que a partir das nove horas aproximadamente se revezam no lugar escolhido para “ganhar a vida” e ao mesmo tempo intercambiar símbolos com uma população que perambula pela área porque não tem aonde ir, é ali que passa seus dias de descanso, e ao mesmo tempo “mata as saudades” do que acontecia nas feiras e praças daquele outro lugar longe que é a “sua terra”, como Crato, Juazeiro, Jequié, Caruaru entre outras.

Este é um lugar formado espontaneamente, o migrante do nordeste se achegou a uma área que havia sido abandonada pelas elites paulistas e na procura de solidariedade foi criando nele um cotidiano que lhe pertence desde suas origens, reproduzindo seu dia de “feira”.

A poucos quilômetros desse marco zero da metrópole paulistana, um empresário paulista responde a um chamado de um jornal da cidade que possuía a seguinte manchete: “Uma Cidade Ingrata com seus Imigrantes” e “que com recursos próprios resolvem homenagear a comunidade nordestina”. (entrevista de José de Abreu ao Jornal Gazeta de



Sapopemba, 28/10/92) e continua o empresário, que “Aficionado pelas belezas do nordeste, a partir de diversas viagens realizadas na região, achou que era hora de retribuir a hospitalidade com que sempre foi recebido”. Em 15 de novembro de 1990 inaugura no bairro do Limão, à margem direita do rio Tietê, Zona Norte da cidade, a Rádio Atual (AM 1370 KHz). Em uma área de 28.000 m<sup>2</sup> inicia-se o CTN (Centro das Tradições Nordestinas), com a emissora que transmitia desde sua fundação com 50 Kw e atualmente atinge os 100 Kw.

Em entrevista com o Diretor Executivo, este me expressava as seguintes palavras: “A reportagem chocante (a do jornal acima mencionado), marcou profundamente a pessoa do Senhor Zé de Abreu (como é conhecido), que ao ler a manchete, imediatamente, teve a idéia de lançar a rádio com o intuito de reverter o quadro” (29/03/94), com dois meses de funcionamento já ocupava o quinto lugar no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). A programação sustentada no gosto da população do Nordeste se constitui de “...a autêntica música nordestina, famosos “causos” regionais, Literatura de Cordel, anedotas ricas em malícia, curiosidades, entrevistas e inúmeras atrações.” (Jornal da AESP, nov. de 1992).

A Rádio Atual foi um êxito desde o início e antes do segundo ano de vida anunciava um jornal da área metropolitana da região leste: “Rádio Atual sai na frente na Pesquisa da Zona Leste” (Diário da Manhã – 28/05/1992), comentando que de duas mil pessoas entrevistadas nos municípios de Itaquaquecetuba, Poá, Suzano, Ferraz de Vasconcelos, Mogi das Cruzes e nos bairros de Itaim Paulista, Penha, São Miguel, Vila Matilde, Itaquera e Guaianazes, mil e duzentas eram originárias do Nordeste e logicamente a rádio tocava o que mais lhes interessava.

Num outro jornal de bairro (A Cidade de São Paulo), de junho de 1992, aparece a seguinte manchete: “Rádio Atual tem programa exclusivo para nordestinos” e no interior do texto comunica que é “Uma boa notícia para a família nordestina que mora na Capital: a Rádio Atual AM oferece momentos de

alegria e recordação todos os domingos pela manhã...” O programa intitula-se “Resenha do Nordeste”. Continua a notícia: “Com muita música, depoimentos, crônicas, o programa segue com destaque especial para uma cidade: Exu, Caruaru, Juazeiro do Norte, Teresina e outras...” que levam a lembrança de aspectos esquecidos ou adormecidos, sendo tanto de domínio cultural, econômico, político, etc.

No primeiro ano de trabalho da rádio, esta sofreu boicote por parte da publicidade já que ninguém acreditava que ela atingisse uma camada de população que tivesse poder aquisitivo. Primeiro ato de segregação! A iniciativa foi da cerveja Kaiser do Brasil, Filtros Logan, Colgate-Palmolive, Caixa Econômica Estadual, Cervejaria Brama entre outras. A Rádio Atual tem uma programação com 70% de música nordestina e 30% com afro-brasileiras para “valorizar o negro”, segundo informado na entrevista.

Com o êxito da rádio, o empresário decidiu estender o empreendimento e fazer no local um lugar para o debate e difusão da cultura. Surge então o Centro de Tradições Nordestinas (CTN). Assim, em 15/12/1991 é inaugurado “um espaço rico em manifestações culturais ... artesanato, culinária, artes plásticas, música, folclore e misticismo.” Em trinta e seis quiosques vende-se comida da região, em outros dezesseis expõem-se trabalhos de artesanato, tudo num ambiente recriado do Nordeste: cobertura de piaçava e a iluminação semelhante à das cidades do interior.

Nos fins de semana e feriados, num palco instalado num dos lados e com som e telão da mais moderna tecnologia existente no país, se apresentam cantores, e conjuntos profissionais e amadores com repertório próprio para um público que chega a quarenta mil pessoas que cantam e dançam acompanhando os artistas. “Curta o domingão com show grátis” anuncia o *Notícias Populares* e a seguir dá a programação do CTN.

A partir da rádio e com um programa denominado “Raízes do Maranhão”, influentes políticos desse estado apoiaram o quiosque que o represen-



ta para que os maranhenses possam “visitar um pedaço de sua terra” (*O Imperial*, São Luís do Maranhão, 18/05/92), e ao mesmo tempo para difundir o jornal que se distribui semanalmente.

Nesse lugar criado e recriado como expressão de cultura e ideologia, considerando esta como “1-) uma forma de representação da realidade que torna natural o que é cultural, 2-) torna legítimos os processos de dominação e de exploração econômico-social, signos e símbolos de identificação do grupo que formam a narrativa cotidiana dos sujeitos sociais.” (Chauí, M. 1993, p. 4)

Falta ainda apresentar o que consideramos como cultura e também nos apoiamos em Chauí que diz: “criação coletiva de representações, valores, símbolos e práticas que determinam para essa coletividade suas formas de relação com o espaço, o tempo, a natureza e os outros homens, definindo o sagrado e o profano, o necessário e o possível, o contraditório e o impossível, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o legítimo e o ilegítimo, o “nós” e o “eles”. Como escreveu um filósofo, a ordem humana da cultura é a da relação simbólica com o ausente, isto é, a linguagem, o trabalho, a história e a morte.” (Chauí, M. 1993, p. 4).

Com as definições antes expressas continuaremos nossa descrição do CTN. Em área separada, antes de se penetrar nos quiosques onde se vendem comidas regionais e “saboreando uma boa cachaca de cabeça”, para receber os que vão chegando, se encontram os bustos de Luiz Gonzaga e Lampião, e claro, não poderiam faltar os “Santos” da região através das estátuas do “Padim Padre Ciço” (Padre Cícero Romão Batista), do Frei Damião e da irmã Dulce... “Guardiões do respeito à religiosidade do povo nordestino, comparecendo para reverenciar, agradecer pela proteção ou graça recebida e fazer suas orações.” (Jornal da AESP, nov. de 1992).

Há também uma capela com um padre de igual origem e que realiza casamentos, batizados e crismas principalmente nos fins de semana e feria-

dos, sendo apoiado também pelo bispo da região que é do Nordeste.

A intensa atividade que desenvolve o centro fez com que se pusessem ônibus especiais que partem da estação do metrô Barra Funda para que não haja o problema da falta de infra-estrutura para atingir o CTN nos finais de semana.

O ingresso é gratuito, iniciando as atividades nas sextas-feiras das 18 às 23 horas. Os preços das comidas e bebidas são controlados, havendo uma constante vigilância tanto de policiais como seguranças particulares, embora seus proprietários em nenhum momento se referiram à violência durante as atividades.

A rádio, também, em seu papel de prestação de serviços à comunidade, firmou convênio com a Empresa de Correios e Telecomunicações, para o qual qualquer pessoa pode enviar através da rádio até 30 quilos de alimentos gratuitamente para seus familiares no Nordeste.

Igualmente promoveu uma campanha de arrecadação e distribuição de alimentos chamada “S.O.S. NORDESTE”, havendo conseguido e mandado em caminhão onde foram distribuídas 500 toneladas de produtos não perecíveis.

Semelhante lugar na metrópole com grande concentração populacional, não poderia passar despercebido para os políticos, especialmente os que estão em campanha em épocas de eleições e assim *o Estado de São Paulo* noticiava no dia 26/05/92: “A Comunidade nordestina em São Paulo esqueceu a paraibana Luiza Erundina por um dia, ou por uma hora, para ouvir o convidado de domingo da Rádio Atual Aloysio Nunes Ferreira Filho, que inaugurou ali a réplica de um memorial de Juazeiro do Norte para o Padre Cícero. Não é nada, não é nada, são sete milhões de eleitores”. *O Diário Popular* de 15 de setembro de 1992 anuncia: “Faltou vassoura” e explica a seguir: “Os funcionários do Centro de Tradições Nordestinas tiveram de trabalhar dobrado ontem. Como o baile no CTN é de graça, os candidatos a vereador invadiram o salão no domingo,



distribuindo “santinhos”, canetas e chaveiros. “Tinha mais candidato do que eleitor”, disse uma funcionária do centro, impressionada com a quantidade de lixo que ficou no local”. Como esta pesquisa foi feita em março, sem dúvida nesta campanha mais de um candidato deve ter visitado e provavelmente doado algum outro memorial ao CTN.

## A GLOBALIZAÇÃO IRRACIONAL

No limiar do século XXI, somos desafiados a pensar o mundo como uma sociedade global. “A socialização da Sociedade” como denomina Lefebvre faz que a comunicação rompa todos os obstáculos materiais, sociais, mentais e nos leva a uma mundialização do agir, do pensar, do sentir ... e há também uma violência mundializada pela TV, é a “violência travestida pela mundialização” como a denomina Baudrillard, é o terror. O Brasil entra na rota do terrorismo internacional, grupos neonazistas se formam especialmente nas grandes cidades como Rio e São Paulo. Em 24 de setembro de 1992, uma gangue de “carecas” nazistas ataca a Rádio Atual e o CTN. Os racistas picham os muros, escrevem frases insultantes, expressam um ódio doentio, semeando violência com tiros e o medo por onde passam. Com marcas da suástica nas paredes e frases insultantes em tinta vermelha, deixaram as marcas do terror num lugar criado para a recreação e o prazer.

Os jornais do dia seguinte anunciavam em manchetes onde o terror é mais exaltado ainda: “Os carecas juram nordestinos de morte”. (*Diário Popular*). “Nós odiamos nordestinos. Você já viu algum que é inteligente?”, expressão de um careca anônimo no início da matéria do jornal. “Carecas fazem atentado antinordestino”. (*Folha de São Paulo*, 25/09/92), e continua a notícia: “Em São Paulo, neonazistas invadem rádio de programas para migrantes, atiram e picham paredes”. Em menor tamanho diz: “Dono de rádio é paulista”, “A ameaça dos “skinheads” ao dono da Rádio Atual – prometeram matá-lo caso ele não voltasse à “Terra de

seu povo” – soa como uma equivocada ironia” ... já que o dono da rádio é de São Paulo. Outro jornal: “Neonazistas depredam centro nordestino”. “Neonazistas querem País só para “brancos”, anuncia o *Estado de São Paulo* em 27 de Setembro de 1992 e continua “Gangues brasileiras se comunicam com os skinheads europeus por meio de vídeos”. Uma outra expressão: “líder do agrupamento diz que nordestino é inferior”.

Todas estas informações expostas nos fazem ver este racismo contemporâneo que já não é problema de raça. A ciência já demonstrou isso. Este é contra a cultura, a etnia que agora se exalta com a diferença. M. Chauí denomina este de “Racismo Comunitarista ou Diferencialista” e diz que é “filho bastardo do pós-modernismo (isto é, do elogio do descentramento e da diferença)”.

Neste tipo de racismo afirma-se o caráter sagrado da comunidade, a identidade do grupo ou da nação e portanto sua diferença.

A origem, a língua, a religião, a sexualidade, nelas exalta-se a diferença. Marilena Chauí explica a justificativa vinda da antropologia e da psicologia social.

Finalmente, se a Formação Socio-Espacial e o lugar foram mediações para que o capital produzisse um espaço mercadoria feito a partir da cultura e da ideologia, a ser consumido pela maior fatia do mercado neste momento da globalização perversa – vejamos Buenos Aires no mês de julho – há várias e sérias questões a levantar. Considerando como o faz Baudrillard em “A transparência do Mal” inicia o livro com as seguintes palavras: “Se fosse caracterizar o atual estado de coisas, eu diria que é o da pós-orgia. A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação das forças destrutivas.” Continua o autor: “Total orgia de real, de racional, de sexual, de crítica e de anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento. Percorremos todos os caminhos ... , inclusive o da crise de poder. “Crise de racionalidade ou irracionalidade. Fase perversa de globalização, exaltação de elementos da diferença...”

Experiências que mostraram uma cidade de São Paulo onde existe uma parcela da população que é incapaz de conviver um cotidiano com cidadãos de outras regiões do país.

Uma fatia de população que carrega consigo os estigmas de uma ideologia conservadora e destrutiva e que não permite a realização da utopia de Darcy Ribeiro ao dizer: “Estamos nos construindo

na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida, Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra”. (1995, p. 449)

## BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, Marilena. *Raça e Cultura*. Aula Inaugural FFLCH, 1993.

LEFEBVRE, H. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo, Ática, 1991.

BAUDRILLARD. *A Transparência do Mal*. Campinas, Ed. Papyrus, 1992.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. São Paulo, Editora Forense, 1989.

FU TUAN, Y. *Espaço e Lugar A perspectiva da Experiência*, trad. Livia de Oliveira, São Paulo, DIFEL, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.